

## A CRIAÇÃO ONOMÁSTICA DOS PERSONAGENS MACHADIANOS: o apelo do nome dos personagens de *Dom Casmurro*

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt<sup>1</sup>  
Patrícia Pizano Louro<sup>2</sup>  
Pollyana Ximenes<sup>3</sup>  
Rony Von Santos Carvalho<sup>4</sup>

**Resumo:** Em seus romances, Machado de Assis destaca-se como um minucioso caçador de mistérios, o que proporciona ao leitor um trabalho de investigação, lapidando o desenvolvimento, não só da obra, mas principalmente dos elementos que o autor aplica no interior do texto. Através de palavras bem manejadas e de sua fértil imaginação, seus enredos trazem, artifícios, os quais, o autor captava no cotidiano e aplicava em seus personagens, onde se realçava, no entanto, um espírito coberto de sutilezas, dotados de um simbolismo transparente. Dentre uma variedade de técnicas que o escritor disponibiliza em suas obras, destacaremos a questão dos nomes e a sua real importância para o desenrolar da narrativa. O estudo onomástico possibilita analisar profundamente perspectivas que se encontram no interior das obras e que, conseqüentemente, carregam um conjunto de conteúdos que dizem muito sobre o personagem e o que ele representa dentro do contexto narrativo. A relação que aí se estabelece entre o significado e o significante dos nomes dos personagens é icônica porque é motivada e através dos sugestivos nomes de seus personagens, Machado oferece um vasto caminho onde o leitor apropria-se de diversas informações deixando na leitura, uma janela aberta para desvendar novas descobertas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis – onomástica – personagens – Dom Casmurro

### Introdução

#### As veredas literárias nas obras de Machado de Assis

Através dos sugestivos nomes de seus personagens, Machado oferece um vasto caminho onde o leitor apropria-se de diversas informações deixando na leitura, uma janela aberta para desvendar novas descobertas. É sabido que ao desvendar o

---

1 Pós-Doutora em Cognição e Linguagem (UENF), Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ), Mestre em Letras (UFJF), Licenciada em Letras (UNIFSJ). E-mail: dr.analucialima@gmail.com

2 Pós-Graduado em estudos Linguísticos e Literários (UNIFSJ) Licenciado em Letras (UNIFSJ). Professor SEEDUC-RJ,

3 Pós-Graduado em estudos Linguísticos e Literários (UNIFSJ) Licenciado em Letras (UNIFSJ), Professor SEEDUC-RJ,

4 Pós-Graduado em estudos Linguísticos e Literários (UNIFSJ) Pós-Graduado em Língua Espanhola (UNIFSJ) Licenciado em Letras (UNIFSJ), Professor SEEDUC-RJ, e-mail: ronivonspes@gmail.com

enigma de um nome escolhido por Machado de Assis em suas obras, desvendar-se-á também o personagem.

A nomeação não é escolhida ao acaso, contrariamente, a relevância dada a esta escolha é tão expressiva que se pode afirmar que a essência de seus personagens está totalmente atrelada a significância do nome que é muito sugestivo, carregado de informações e simbologias. Assim confirma Caldwell (1960, p.37):

E se nós somos tentados a imaginar que Machado de Assis usou esses e outros nomes sem premeditar e sem intenção, nós temos as suas próprias palavras para nos confundir. 'É de comum conhecimento; [ele escreve em uma de suas colunas] que os nomes têm grande poder. Há casos em que os nomes são tudo.' Novamente: 'De um jeito ou de outro a influência dos nomes é certa.' (...) Em uma terceira coluna ele declara que os nomes têm fatos inescapáveis, histórias e conotações.

Sendo *Dom Casmurro* uma narrativa que fala sobre o ato e o modo de narrar, os nomes dos personagens assumem importância enorme na história. Os nomes dos personagens, cognomes, os títulos, tudo foi usado de forma premeditada, com intenções definidas. Eles assumem grande importância no contexto da história. Vamos a eles:

## 1. BENTO

É um nome muito bem escolhido para denominar um personagem tão instigante. Bento Santiago, o Bentinho, personagem - narrador, senhor da história, de imediato faz lembrar benzido, coisa abençoada, santa, pura. Bento se liga etimologicamente a Benedito, do Latim *Beneditus*: o abençoado, o bendito. Seu primeiro nome liga-se diretamente à promessa feita por D. Glória. Portanto, o nome Bento reafirma que ele tem a bênção de Deus.

Ao nascer, ele recebe um nome que lhe determina o destino: ser puro, bento, unguido pelo voto de sua mãe para ser padre.

Embora a promessa materna não se tenha concretizado nele (foi substituído por outro jovem), a essência do seu nome jamais se desfez dentro dele. Conservou-se, no seu inconsciente, bento, sempre vendo santos e santas a sua volta, vivendo no meio deles, especialmente a santa mor: sua mãe.

Hellen Caldwell, em seu tratado, ao aproximar dois importantes textos literários – *Otelo*, de Shakespeare e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis – com a intenção de inocentar Capitu, tal qual Desdêmona seria, oferece-nos, no capítulo “What’s in a name” um exploração criteriosa dos nomes e sobrenomes adotados no texto brasileiro e afirma que as insinuações implícitas em alguns destes, evidenciam semelhanças com a obra shakespeariana.

Começa, a autora americana, a evidenciar que primeiro nome do personagem, Bento, ligando-se a Benedito, revela um santo negro que foi mouro, tão mouro quanto Otelo.

Com relação aos sobrenomes, é no sobrenome do pai de Bento, Albuquerque, que Caldwell estabelece as maiores relações entre *Dom Casmurro* e *Otelo*. Quem era este Albuquerque cujo sangue flui nas veias de nosso herói? – indaga a crítica. E ela mesma responde que ele era, sem nenhuma dúvida, o grande e famoso Dom Afonso de Albuquerque, que fundou o império português na Índia e serviu na África e Itália contra os turcos. Quando de sua morte, Dom Afonso teve como mortalha o manto da Ordem Militar de Santiago, ou com era escrito antigamente, Sant-Iago. “Santiago” era o grito de batalha dos espanhóis e portugueses na batalha, contra os mouros. O santo foi um grande adversário dos mouros. Afonso de Albuquerque teria uma devoção particular a ele. Mais um vez a alusão aos mouros, mais um vez a alusão a *Otelo*, de Shakespeare.

Santiago origina-se do composto Santo Iago (Sant’Iago). Esse sobrenome significa a fusão do bem e do mal. Iago é a personagem demoníaca que, no drama *Otelo*, de Shakespeare, leva Desdêmona à morte. Santo+Iago formam um misto do bem e o mal: Bento Santiago começa Bento e depois se torna Santiago, o bem se mostra, se transforma no mal, seu nome o revela assim.

Com relação ao sobrenome materno, Fernandes, precisamos considerá-lo em relação íntima com o nome Albuquerque. Há razões para acreditar que este sobrenome refere-se ao negro Antônio Fernandes, um guerreiro de confiança de Dom Afonso de Albuquerque. Notemos que tanto o sobrenome Fernandes quanto o nome Bento aludem a sangue negro. Talvez o Otelo machadiano à semelhança do shakespeariano também possuísse sangue negro correndo em suas veias, o que não seria de surpreender, considerando o caráter mestiço do brasileiro.

Com relação ao epíteto Casmurro, existe um trocadilho que acentua ainda mais a semelhança entre os dois textos: a palavra “mouro” em inglês – Moor – e a sílaba mediana da palavra Casmurro tem, praticamente, o mesmo som.

Dom Casmurro é o Bentinho que envelheceu. Logo de início, no primeiro capítulo, “Do título” apresenta-se uma justificativa: o personagem narrador expõe as origens de seu apelido: Dom Casmurro, o mesmo que intitulara a história por ele contada. Dirigindo-se ao leitor, diz-lhe que não consulte os dicionários para saber o sentido do apelido que lhe foi dado:

“Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe passa o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo.” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.809).

Nos dicionários, que o narrador nos dispensa de consultar, Casmurro aparece primeiramente com o significado de teimoso, implicante, cabeçudo; Dom, como forma de tratamento dada a nobres e dignatários da igreja católica, sempre seguida do nome batismo.

Casmurro, em seu sentido dicionarizado, traz a ideia de obstinado, teimoso, cabeçudo. É um adjetivo de peso negativo e caracterizar alguém assim é depreciativo. Obstinação e teimosia são traços de personalidade marcados pela irreduzibilidade: ideia fixa, prejulgamento, incapacidade de reconhecer os próprios erros e de voltar atrás em decisões ou conceitos preestabelecidos. Dom, em português, significa senhor. Então, *Dom Casmurro* é: “Senhor Obstinado, Teimoso e Cabeçudo”.

## 2. CAPITU

Capitolina, Capitu traz no significado do nome: do Latim *Caput* - cabeça, domínio, imagem da esperteza, verbo capitular.

Capitu, nome de fonemas consonantais fortes (/kê/,/pê/,/te/) e surdos, sugerindo firmeza nas consoantes oclusivas e também melodia pelas vogais, pois são sonoras. Assim é Capitu, diminutivo de Capitolina, bem mais bonito de se falar, semelhante à sua dona. Enquanto Bento é levado pelos outros, Capitu é firme e resolvida até no nome: mostra-se forte e segura de si. Bento é o abençoado, o puro,

é bendito. O cognome Capitu, mais moderno e rápido de se dizer, pode sugerir o quê? Talvez, o termo **capeta**, já que o narrador sutilmente a aponta com ares mentirosos, falsos, diabólicos.

Certamente nenhuma mulher da Literatura Brasileira foi tão analisada, investigada, como a misteriosa e ímpar Capitu.

Como seu próprio nome sugere, sempre teve excelente raciocínio, é a imagem da esperteza. Bela, morena, “olhos de ressaca”, “cigana oblíqua e dissimulada”, Capitu é sensual, travessa, segura de si, uma estrela (tem luz própria), existe por si mesma.

### 3. JOSÉ DIAS

Acompanhado do apostro explicativo “o agregado”, José também é nome sagrado e no “oratório” da casa de Matacavalos, onde há o Bento, o bendito, Nossa Senhora da Glória, uma santa, há também José, nome bíblico, símbolo de religiosidade Seu primeiro nome vem acompanhado do sobrenome *Dias*, que sugere clareza. Enquanto transita na narrativa, José Dias é um ajudador e sendo “Dias”, clareia os olhos de Dona Glória sobre Bentinho, pois aonde a clareza chega, o que estava oculto aparece, como acontece nesse fragmento:

la a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Matacavalos, o mês Novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

-- Dona Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

-- Que dificuldade?

-- Uma grande dificuldade.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

-- A gente do Pádua?

-- Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

-- Não acho. Metidos nos cantos?

-- É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que

não vê; tomara ele que as cousas corresse de maneira, que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma candida...(MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 87)

Mas quem imaginou que o agregado seria um impedimento à felicidade do nosso protagonista, se enganou, porque como agregado, funciona como um ser típico da sociedade brasileira dos oitocentos. O termo agregado designa aquele que vive na dependência de um chefe de família abastado da época do segundo reinado, a quem presta todo tipo de serviço. Machado de Assis constrói a personagem do agregado José Dias sempre pronto a agradar, a dizer as palavras certas nas horas propícias, a “exagerar” com seus superlativos quando se faz necessário um elogio.

#### 4. EZEQUIEL SANTIAGO

Assim, outro nosso companheiro de empreitada será Ezequiel, filho de Capitu e Bentinho, que se tornou objeto da desconfiança do pai, por sua semelhança com seu amigo Escobar. Pouco se fala ou se escreve sobre nosso “profetazinho”, cuja existência foi marcada por uma sina, carregar uma culpa que não era sua.

A angústia pela espera de um filho que não vinha era um tormento para o casal Santiago. Mas, enfim, o filho veio e seu batizado é marcado por um fato curioso: em se tratando do primeiro filho, ainda mais num país de tradição patriarcal, era de se esperar que o menino recebesse o nome do pai, entretanto, por uma vicissitude do destino, o menino acaba recebendo o nome do amigo de Bento, Escobar, e não o nome pelo qual era conhecido, mas o primeiro nome, Ezequiel.

À primeira vista, nada de estranho seria levantado por qualquer leitor, mas em se tratando de Machado de Assis, tal possibilidade não pode ser desprezada. Ezequiel é o nome de um profeta bíblico do Antigo Testamento e significa (do *hebr. Yahezqe`l* = Deus dá força ou Deus é forte), que desenvolveu sua missão profética num momento muito difícil para o povo de Israel.

Como se sabe, Machado de Assis, era um exímio conhecedor da Bíblia, como nos atestam seus críticos, bem como, seus escritos, principalmente os contos e os romances estão repletos de citações da mesma. Podemos deduzir que Machado se utilizava da Bíblia para confrontar sua mensagem com a realidade vivenciada pela sociedade e pelas pessoas.

Retornando ao romance *Dom Casmurro*, evidenciamos outro ponto de proximidade com o Livro do profeta Ezequiel. O capítulo intitulado “Filho do Homem”, onde o agregado José Dias se refere ao filho de Capitu na presença de Bentinho de “profetazinho”, e por três vezes de “filho do homem”. Poderia ser apenas mais uma das esquisitices do agregado, mas seguindo a observação feita pelo narrador de que José Dias estivera lendo o livro do profeta Ezequiel na véspera, então, recorreremos ao livro do Profeta Ezequiel para investigar os significados de tais expressões.

Constatamos que a expressão “filho do homem” se refere quase exclusivamente ao profeta Ezequiel, e é utilizada mais de noventa vezes em quarenta e oito pequenos capítulos, e quer indicar o profeta em sua condição humana, em contraste com a grandeza Divina. Já com relação à expressão “profetazinho”, será necessária uma investigação mais minuciosa para chegarmos ao real sentido que nosso escritor queria transmitir ao apelidar o filho de Capitu e Bentinho com tal predicado.

Além do que foi dito acima, o profeta no cumprimento de sua missão desempenha o papel de defensor da moral e da justiça, denunciando as irregularidades, injustiças e os pecados do povo. Para tanto, não se vale somente das palavras, mas também de atitudes e gestos carregados de significados que dizem por si só. Na obra *Dom Casmurro*, o filho de Capitu, de certo, modo também exerce o “profetismo”, pois, trazendo em si os mesmos gestos, bem como, a aparência física de Escobar, poderia ser uma espécie de denúncia da suposta traição de Capitu.

Ainda neste itinerário, queremos salientar um acontecimento relevante na história do Profeta Ezequiel: seu exílio juntamente com seu povo para uma terra estrangeira, onde Ezequiel recebe seu chamado ao profetismo. Na obra *Dom Casmurro*, Capitu e seu filho, Ezequiel Santiago, são praticamente exilados de sua pátria por Bentinho como forma de punição a suposta traição de Capitu com Escobar, sendo prova disto à aparência de Ezequiel com Escobar.

Ao descrever o momento em que recebeu a notícia da morte de seu filho por uma carta o narrador deixar uma pista extraordinária para outra afirmação. Assim se expressa no capítulo 146:

[...] Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição tirada do profeta Ezequiel, em grego: “Tu eras perfeito nos teus caminhos”. Mandaram-me

ambos os textos, grego e latino [...] Como quisesse verificar o texto, consultei a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: “Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação”. [...] (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.151).

Seguindo o conselho do narrador, nós também buscamos o texto da Bíblia para verificar a exatidão do conteúdo e, para nossa surpresa, além do que foi escrito pelo autor, ainda faltava na citação o restante do versículo bíblico, que em sua totalidade diz o seguinte: “Foste irrepreensível em teu proceder desde o dia que foste criado, até que a iniquidade apareceu em ti” (Ez. 28,15) e, em se tratando de Machado de Assis, essa falta pode ser tudo.

Ao deixar passar esse complemento Machado, talvez intuísse que, aguçados pela curiosidade, seus leitores fossem recorrer ao texto da Bíblia para conferir a exatidão da mensagem extraída do livro do profeta Ezequiel e se deparassem com essa singular surpresa: o versículo não fora citado em sua inteireza, deixando ao leitor a incumbência de completar essa tarefa.

Portanto, Machado de Assis, como profundo e feroz crítico da conduta do homem, poderia estar fazendo uma revelação a respeito da índole da sociedade, de que todos podem ser acometidos pela iniquidade.

Com relação ao profeta Ezequiel é oportuno evidenciar que era um sacerdote do templo de Jerusalém, e que sofreu um grande golpe com a morte súbita de sua esposa, “o desejo dos teus olhos”. Observamos uma inovação em sua atuação profética ao abordar o tema da responsabilidade individual de cada pessoa, em contraste com a ideia de responsabilidade coletiva que era pregada na época e exposta em outras partes da Bíblia. Na concepção de Ezequiel cada indivíduo é responsável por suas ações. Segundo Milton Schwantes (2007, p.97-98, grifo nosso):

Outra marca de Ezequiel está em sua atenção à pessoa. Há quem diga que Ezequiel descobriu o indivíduo como principal referente para a ação de Javé. [...] Seu encargo de atalaia consiste não só em proclamar um alerta geral. Importa que cada pessoa ameaçada reconheça o perigo em que está e possa reagir. É o que lemos nos capítulos 3 e 33. Além desses, o capítulo 18 é particularmente sintomático. Nele, o profeta se volta contra quem afirma a hereditariedade da culpa. Sua tese é outra; justiça e injustiças são intransferíveis: “A pessoa que pecar, essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este” (Ez.18,20).

Neste sentido, a mensagem de Ezequiel é uma inovação na maneira de pensar e agir, pois, chama a atenção para o fato de que cada pessoa é responsável por sua conduta pessoal.

Podemos afirmar que a literatura de Machado encontra ressonância na mensagem do profeta Ezequiel, pois ambos abordam em suas obras o tema da conduta do homem e da sociedade. A inovação no discurso proposta pelo profeta bíblico respinga na análise que fazemos do filho de Capitu: ele não levaria em si a iniquidade de seu pai, ainda que este fosse Escobar, o traidor, ou, ainda mesmo, sendo esse pai o Bento, o injusto, que teria punido o filho injustamente com suas conclusões precipitadas.

Outro ponto coincidente entre os dois Ezequieis revela que, tanto o profeta Ezequiel quanto Ezequiel Santiago, acabaram morrendo fora de suas pátrias e nas proximidades de Jerusalém. Será mera coincidência ou o nome terá mesmo tamanha influência sobre os personagens?

## 5. ESCOBAR (EZEQUIEL)

O rio Cobar, citado algumas vezes no livro do profeta Ezequiel das Sagradas Escrituras, na verdade foi um canal desviado do rio Eufrates, cavado pelos cativos que estavam exilados na Babilônia. Esses se organizavam em comunidades e receberam autorização para comerciar e cultivar terras. A abertura do canal teria como uma das principais finalidades a irrigação para a fertilização dessas terras.

De acordo com as inscrições cuneiformes (caracteres usados pelos assírios e persas) do sítio de Nippur ao sudeste do Iraque faz referência ao maior canal que corre da Babilônia a Nippur chamado de Naru Kabari (“O Grande Rio”). O canal teria ligado os dois braços do rio Eufrates, assim teria atravessado as planícies do Sudeste Iraquiano.

O lar de Ezequiel, depois de ter sido deportado para a Babilônia, ficava junto a este rio e era às suas margens que recebia suas visões proféticas sobre Jerusalém.

Uma das funções do rio Cobar era irrigar uma terra que provavelmente era infértil e que necessitava de suas águas para gerar a vida, e por fim desaguava no mar.

Assim também seria a função de Escobar, agente transformador, tornar fértil uma terra (Capitu) que era produtiva, mas que para gerar uma vida precisava ser irrigada, e também por fim, desaguar no mar. E Escobar se lança em um mar bravio e mesmo sendo um exímio nadador morre afogado, talvez propositalmente por não conseguir carregar sua culpa, pois ele mesmo confessa ter nadado em mares com ressaca e saído ileso. Como confirma o trecho abaixo:

Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 231).

A simbologia da água estaria ligada não só a fertilidade agrícola, mas também a fecundidade humana: “A água é símbolo privilegiado da fecundidade. Em Ezequiel, as ‘chuvas de benção’ são um fenômeno atmosférico e algo mais. No quadro paradisíaco da nova aliança transcendem o âmbito agrícola, representam um acúmulo de bens, são canal de vida.”

Esta hipótese pode ser levantada, pois é sabido que a gravidez de Capitu não vinha com a velocidade que era ansiada pelo casal, algo incomum naquela época em que não eram habituais métodos contraceptivos e que os frutos do casamento não demoravam a surgir, como se pode constatar nos seguintes trechos:

Ao fim de dois anos de casado, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 206).

Não vinha. Capitu pedia-o em suas orações, eu mais de uma vez dava por mim a rezar e a pedi-lo. Já não era como uma criança, agora pagava antecipadamente, como os aluguéis da casa. (op. cit., p. 207).

Pois nem tudo me matava a sede de um filho, um triste menino que fosse, amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa. (op. cit., p. 212).

Para reforçar ainda mais esta hipótese, vamos nos deter agora no nome de Escobar, que além de carregar o nome do rio (Cobar), também carrega o prefixo “Es” que é de origem latina e significa movimento para fora, estado anterior.

Pode ter sido usado, na visão apurada de Machado, não só para camuflar o nome de origem, no caso o rio Cobar, mas também para enfatizar ainda mais a sugestividade que ele carrega. Afinal, como já foi esclarecido anteriormente, Cobar não era propriamente um rio e sim um canal que faz justamente esse “movimento

para fora” não podendo voltar ao seu “estado anterior”, com o destino de desaguar no mar.

Interpretando uma possível visão conotativa do Bruxo do Cosme Velho, o canal (Escobar) desviou de seu curso natural (Sancha) para percorrer um outro caminho (Capitu) sem volta ao seu de origem, desaguardo no mar (sua morte).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada, na escrita machadiana, é por acaso. Sua narrativa tem “mil faces secretas sob a face neutra” e a escolha dos nomes de seus personagens passa por esta mesma linha. Fazer um estudo onomástico dos nomes do romance *Dom Casmurro* revela-nos outras possibilidades de leitura, além daquela que normalmente fazemos.

Percorrendo o labirinto machadiano, onde não se esconde mais uma criatura mitológica, mas sim um escritor atento e observador da alma humana, que muitas vezes não diz claramente, sugerindo através de pistas aos seus leitores, o caminho para a saída, através de um fio imperceptível para muitos leitores desavisados, descobrimos um Machado que talvez queira revelar o homem a si mesmo, pois, nesta narrativa o homem é abordado em todas as suas facetas, é como se Machado colocasse diante dos olhos dos leitores sem piedade nem dó, as verdades sobre o homem, sem as máscaras da hipocrisia. E tudo pode ser evidenciado ou descortinado pela leitura atenta dos rastros e pistas deixados na trilha narrativa.

Fica aqui mais uma hipótese levantada a partir de outro ponto de vista desta história, que é uma obra-prima e permanente atrativo por seu segredo nunca revelado e pelo seu inigualável autor que tem justamente esse propósito: de deixar ambiguidades e interstícios na obra com intuito de aguçar no leitor as possibilidades de um desfecho final.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHMIDT, Ana Lúcia Lima da Costa. **Dependência Cultural: o caso Machado de Assis**, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 12001

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra Completa**. Ed. Aguilar, Rio de Janeiro, 1994, vol I

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1972.

CALDWELL, Helen. **The Brazilian Othello of Machado de Assis: a study of Dom Casmurro**. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1960.

LISBOA, Maria Manuel. “Querida leitora: Machado de Assis e as cumplicidades do texto”. In: SARAIVA, Juracy Asmann (org.). **Nos labirintos de Dom Casmurro: ensaios críticos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. P. 170-193.

SANTIAGO, Silvano. “Retórica da verossimilhança”. In: SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos: Ensaio sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 27-46.

SCHWARZ, Roberto. “A poesia envenenada de Dom Casmurro”. In: SCHWARZ, Roberto. **Dois meninos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. P. 7-42

SCHWANTES, Milton (2007). **Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI aC**. [S.l.: s.n.] [ISBN 9788535619713](https://www.amazon.com.br/Sufrimento-esperanca-no-exilio-historia-teologia-povo-Deus-no-seculo-VI-aC/dp/9788535619713)

<https://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/antigo/Profetas/Ezequiel.pdf>